



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS-UEA  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE TEFÉ-CEST  
LICENCIATURA EM LETRAS

**AS NARRATIVAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: O QUE DIZEM OS  
ESTUDANTES SOBRE AS METODOLOGIAS APLICADAS NO 2º SEGMENTO NA  
MODALIDADE DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NUMA ESCOLA  
PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE TEFÉ?**

TEFÉ-AM

2019



**NAYANDRA FERNANDES SOARES**

**AS NARRATIVAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: O QUE DIZEM OS ESTUDANTES SOBRE AS METODOLOGIAS APLICADAS NO 2º SEGMENTO NA MODALIDADE DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NUMA ESCOLA PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE TEFÉ?**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apresentado na Universidade do Estado do Amazonas CEST/UEA, como parte das exigências para obtenção de grau em Licenciatura em Letras sob. Orientação da professora Me. Rita de Cássia Eutrópio Mendonça Bezerra.

TEFÉ-AM

2019



## **AS NARRATIVAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: O QUE DIZEM OS ESTUDANTES SOBRE AS METODOLOGIAS APLICADAS NO 2º SEGMENTO NA MODALIDADE DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NUMA ESCOLA PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE TEFÉ?**

Nayandra Fernandes Soares<sup>1</sup>  
Rita de Cassia Eutrópio Mendonça Bezerra<sup>2</sup>

### **RESUMO**

O presente artigo tem como temática “As narrativas na Educação de Jovens e Adultos: o que dizem os estudantes sobre as metodologias aplicadas no 2º segmento na modalidade de educação de jovens e adultos numa escola pública do município de Tefé”. Trata-se de um trabalho de Conclusão de Curso-TCC, que tem como objetivo geral analisar, através das narrativas, as percepções dos estudantes sobre as metodologias utilizadas na sala de aula e sua contribuição (ou não) para uma aprendizagem significativa. Para o desenvolvimento da pesquisa definimos como procedimentos metodológicos a abordagem qualitativa. Algumas ferramentas metodológicas foram necessárias para concretizar a pesquisa de abordagem qualitativa, foram elas: levantamento bibliográfico, observação participante, questionários e a elaboração de narrativas pelos estudantes, tendo como foco as metodologias aplicadas na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, Desse modo, foram indispensáveis leituras de autores como Freire (1996), Soares (2011), Gadotti (1996) entre outros, que discutem como os sujeitos da EJA devem ser alfabetizados, para então serem cidadãos letrados e reflexivos em uma sociedade fragmentada cheias de preconceitos e de desigualdade. Após os estudos dos teóricos feitos, as narrativas autobiográficas fizeram com que o educando expressasse de forma espontânea e sincera, sua avaliação sobre o processo de ensino e aprendizagem dessa modalidade, oportunizando, assim, a reflexão sobre a prática pedagógica do professor, de maneira que possibilite ao aluno aprender de uma forma significativa e motivá-los a não abandonarem a sala de aula. Os resultados finais mostraram que as metodologias aplicadas pelas professoras, para alguns alunos são boas e para outros não. Desse modo, através da rememoração foi possível perceber as contribuições que essas metodologias trazem para esses educandos.

**Palavras-chave:** Narrativas. Metodologia. EJA.

---

<sup>1</sup> Graduanda; Licenciatura Plena em Letras 8º período - noturno, [nayfernandessoares2016@gmail.com](mailto:nayfernandessoares2016@gmail.com)

<sup>2</sup> Orientadora; Licenciatura em Letras/UFAM, Especialização em Língua Portuguesa/ESBAM, Mestrado em Educação/UFAM, Doutoranda em Educação/UFSCar, Professora Assistente do Centro de Estudos Superiores de Tefé da Universidade do Estado do Amazonas/UEA, [rmbezerra@uea.edu.br](mailto:rmbezerra@uea.edu.br)



## INTRODUÇÃO

O ensino da Língua Portuguesa no Brasil, na modalidade de Educação de Jovens e Adultos-(EJA), é um desafio a se enfrentar nos dias atuais. Os alunos que estudam nesse segmento são alunos que pararam de estudar por alguma razão no decorrer de suas vidas, mas tem aqueles discentes mais jovens, que vem de um processo de ensino fragmentado, como repetências e evasão. O resultado disso é a formação de turmas com alunos semianalfabetos, com enormes problemas de aprendizagem, muitas vezes com sua autoestima baixa, devido às dificuldades que enfrentam em seu cotidiano, alguns estão cansados de um dia inteiro de trabalho e outros com problemas familiares entre outras dificuldades.

Essa realidade foi vivenciada durante a realização do Estágio Supervisionado II, no segundo segmento do Ensino Fundamental e no Ensino Médio na Escola Municipal Soberana Fernandes, no município de Tefé/AM. Durante as etapas de observações e participações no segundo segmento, verificamos que o número de alunos (as) era pequeno (a) na modalidade de Educação de Jovens e Adultos e os discentes que estavam presentes não estavam interessados em relação ao ensino aprendizagem. Ao longo das observações foi constatado que os alunos tinham muitas dificuldades, na leitura, na escrita e na interpretação textual.

Apesar de existirem pesquisas (SOARES, 2002; ALMEIDA, A; CORSO, A.M, 2015 dentre outros) que discutem essa problemática nesta modalidade, é relevante trazermos essa discussão, que tem como foco as metodologias utilizadas pelos professores no processo ensino aprendizagem dos estudantes, pois, acreditamos que uma das causas do desinteresse pelas aulas seja a forma de ensinar do professor, que na maioria das vezes, não tem a formação específica para trabalhar com este público.

Assim, para embasar teoricamente a pesquisa trazemos Souza (2011); Freire (1996); Gadotti (1996); dentre outros que discutem a especificidade dos sujeitos da EJA que deve ser considerada no processo ensino aprendizagem, oportunizando-os tornarem-se cidadãos letrados e reflexivos em uma sociedade fragmentada cheias de preconceitos e de desigualdade.

Neste artigo tivemos como problema a ser investigado: quais as percepções dos estudantes sobre as metodologias utilizadas na sala de aula e sua contribuição (ou não) para uma aprendizagem significativa? E como questões norteadoras: quais as metodologias são utilizadas pelos (as) educadores (as)? No processo ensino aprendizagem da leitura e da



escrita, quais dificuldades os (as) alunos (as) da EJA apresentam? Quais são as percepções dos estudantes sobre as metodologias utilizadas na sala de aula?

Para a realização da pesquisa, definimos como procedimento metodológico a abordagem qualitativa que possibilitou conhecermos o ambiente e os participantes da pesquisa. Algumas ferramentas metodológicas foram necessárias para concretizar a pesquisa de abordagem qualitativa, foram elas: levantamento bibliográfico, observação participante, questionários e a elaboração de narrativas pelos estudantes, tendo como foco as metodologias aplicadas na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), na 2ª fase “A”, no 2º segmento noturno.

Assim sendo, com base no caráter-formativo da pesquisa autobiográfica com enfoque nas narrativas, o artigo tem como objetivo geral analisar, através das narrativas, as percepções dos estudantes sobre as metodologias utilizadas na sala de aula e sua contribuição (ou não) para uma aprendizagem significativa. Essa escolha justifica-se pelo fato de as Narrativas Autobiográficas ajudarem a compreender o perfil social e psicológico dos alunos, suas opiniões sobre a temática, pois enquanto o aluno escreve a sua narrativa, ele “seleciona acontecimentos, interpreta o vivido, as experiências significativas que marcaram sua trajetória e compõem uma narrativa, considerando-os de acordo com sentidos que esses conhecimentos ou acontecimentos têm para si, para sua história”. (BOLOGNANI; NACARATO, 2015).

Portanto, o presente trabalho estrutura-se da seguinte forma: primeiramente trazemos a fundamentação teórica, para nos auxiliar nas discussões sobre “as metodologias aplicadas na Educação de Jovens e Adultos”. Em segundo, descrevemos a metodologia utilizada para o desenvolvimento da pesquisa e por fim apresentamos a análise de dados através das seguintes categorias: **“Metodologias utilizadas pelos professores”**; **“Dificuldades dos alunos no processo ensino aprendizagem”**; **“percepções dos alunos sobre as metodologias utilizadas na sala de aula”**.



# **1 O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: LIMITES E POSSIBILIDADES**

## **1.1 BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL**

A educação de jovens e adultos foi sempre deixada por último lugar em termo de ensino e qualidade, desde a época do colonialismo a educação deveria ser ensinada somente para as crianças de famílias ricas, pois as crianças de famílias pobres deveriam ser criadas para o trabalho pesado (agricultura, pescaria e nos campos de café e açúcar), os filhos dos senhores de donos de riquezas tinham o acompanhamento escolar em seus domicílios e por isso não havia a necessidade de se criar uma alfabetização para os jovens e adultos que não puderam estudar quando crianças, por isso que existe essa desigualdade entre os ricos e pobres. (GHIRALDELLI JR. 2000, p. 15)

E com essa ideia que a educação pertencia a elite das pessoas ricas, o Brasil foi sendo desenvolvido. Mas desde sempre a Educação de Jovens e Adultos (EJA) vem sendo ditada com algum interesse político-social ou até mesmo religioso, como quando os jesuítas catequisaram os povos que viviam aqui através da catequese para então se tornar “civilizados” e assim pegar todas as suas riquezas e levar para fora do país. Com o passar dos séculos muitas pessoas tentaram fazer algo por essa educação, mas poucos conseguiram como afirma Soares (2002, p.8):

No Brasil, o discurso em favor da Educação popular é antigo: precedeu o mesmo a proclamação da Republica. Já em 1882, Rui Barbosa, baseado em exaustivo diagnóstico da realidade brasileira da época, denunciava a vergonhosa precariedade do ensino para o povo no Brasil e apresentava propostas de multiplicação de escolas e de melhoria qualitativa de ensino.

Outro período que marcou muito a Educação de Jovens e Adultos foi o surgimento do “Estado Novo”, na qual foi criada uma constituição em 1937 para afirmar que o Estado não tinha nenhum vínculo ou responsabilidade com a educação, escrita por Francisco Campos. Ghiraldelli Jr, (2008, p.78) cita que:

A constituição de 1937 fez o Estado abrir mão da responsabilidade para com a educação pública, uma vez que ela afirmava o Estado como quem desempenharia um papel subsidiário, e não central em relação ao ensino. O ordenamento democrático alcançado em 1934, quando a letra da lei determinou a educação como direito de todos e obrigação dos poderes públicos, foi substituído por um texto que desobrigou o Estado de manter e expandir o ensino público.



Essa constituição somente foi criada com finalidade de beneficiar o Estado e assim tirar a sua responsabilidade de ser responsável pela educação. Desse modo o povo sem a educação (educação para os ricos) ficava á margem da sociedade e aceitavam tudo o que o governo colocava em prática. Essa nova gestão não queria que as pessoas tivessem um pensamento crítico, e sim um pensamento de ensino profissionalizante, pois tinha em mente que era melhor capacitar os jovens e adultos para o trabalho nas indústrias do que para o ensino crítico e reflexivo. (GHIRALDELLI JR. 2008, p. 77).

Um grande precursor em favor da alfabetização de jovens e adultos, Paulo Freire, que na sua trajetória de vida lutou por essa educação e pelo o fim da educação elitista. Ele tinha como intuito uma educação democrática e libertadora, e que então parte da vivência dos educandos, como afirma Aranha (1996, p. 209):

Ao longo das mais diversas experiências de Paulo Freire pelo o mundo, o resultado sempre foi gratificante e muitas vezes comovente, o homem iletrado chega humilde e culpado, mas aos poucos descobre com orgulho que também é “fazedor de cultura” e, mais ainda, que a condição de inferioridade não deve a uma incompetência sua, mas resulta de lhe ter sido roubada a humanidade.

Mas muitos fizeram com que esses sujeitos iletrados, não tivessem uma formação crítica, e um exemplo disso foi no período do regime militar (1964 a 1985), o surgimento do Movimento de alfabetização de jovens e adultos, na tentativa de amenizar o analfabetismo, nomeado como MOBRAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização), tinha como objetivo o ato de ler e escrever, a metodologia parecia com a de Freire, com codificações de cartazes com famílias silábicas, fichas, quadro, no entanto, não utilizava o diálogo como a de Paulo Freire, não tinha nenhuma preocupação com a formação crítica dos educandos.

A Educação de Jovens e Adultos-EJA foi criada para atender pessoas analfabetas ou que não puderam concluir os seus estudos no ensino regular ou então pessoas adultas que gostariam de retomar seus estudos. Como destaca Souza (2011, p. 9), “nos dias atuais, os principais programas de EJA atendem a jovens que não concluíram os estudos no tempo regular e também a pessoa adulta que desejam ampliar sua escolaridade”. De acordo como a autora, muitas pessoas não tiveram a oportunidade de estar na escola na idade certa, por vários motivos acontecidos no decorrer de suas histórias de vida, muitos são migrantes, que saíram de suas cidades para fugir da pobreza e da desigualdade social e outros são jovens e adultos, indivíduos que foram marcados em sua caminhada por perdas, o desrespeito, por sua cor, seu gênero ou por tantos outros fatores.

E são esses fatores vivenciados pelos sujeitos da EJA que deverão ser trabalhados pelo professor em sala de aula, pois “nos dias atuais, é praticamente consenso que o sujeito da



EJA possui uma vasta bagagem cultural e que os conteúdos da EJA precisam ter estreita ligação com a realidade (SOUZA, 2011, p. 17)”. Ao profissional crítico cabe à tarefa de analisar os aspectos da trajetória de vida desses sujeitos, buscando a construção de uma relação das experiências de vida e os conteúdos necessários para uma aprendizagem significativa e que isso vai além da realidade do estudante. A educação para os adultos é de fundamental importância, ela ajuda no desenvolvimento cultural e social desses estudantes para uma melhoria de vida e assim se encaixar numa sociedade letrada.

Durante muito tempo, a educação para jovens e adultos tinha o objetivo de extinguir o atraso daqueles que não sabiam ler nem escrever, seguindo uma concepção instrumental de educação, sem levar em conta as experiências vivenciadas dos alunos. Mas, isso com o tempo foi transformado graças a um educador Paulo Freire, “que sistematizou uma concepção de educação com o objetivo de dar outra intencionalidade política à educação e à EJA, que contrapõe à concepção instrumental” (1987, p. 21).

Paulo Freire foi um grande homem na questão da educação no Brasil e também em outros países, ele elaborou um novo método para os educadores desenvolverem em suas salas de aula. O método de Paulo Freire instiga a alfabetização/educação das pessoas adultas mediante o questionamento de suas experiências de vida, os indivíduos da mesma experiência, através das histórias contadas por eles do seu cotidiano, são retiradas palavras desse texto que eles conhecem para uma compreensão da escrita e da leitura e assim obter um conhecimento melhor e expressivo do seu mundo.

## 1.2 O QUE DIZEM OS DOCUMENTOS OFICIAIS

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) 9.394, de 1996, estabelece no capítulo II, seção V a Educação de Jovens e Adultos no artigo 37, evidencia a preocupação em garantir a continuidade e acesso aos estudos por aqueles que não tiveram oportunidade na idade adequada como é citada a seguir “A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no Ensino Fundamental e Médio na idade própria”. Com essa lei, a Educação de Jovens e Adultos passou a ser vista como uma “modalidade da educação básica nas etapas do Ensino Fundamental e Médio e passou a uma especificidade própria que, como tal deveria receber um tratamento consequente” (CEB/2000, p. 103).

Muitos educadores lutaram para que essa modalidade fosse reconhecida por pessoas do nosso país que não estavam nem um pouco interessadas nas mudanças que ocorriam com





essa modalidade, contudo, quando a lei foi aprovada, muitos não queriam se adaptar a nova realidade. Os educadores não almejavam que essa modalidade fossem somente para suprir as necessidades dos jovens e adultos, eles tinham foco ouvir a voz e dar vez para aquelas pessoas que foram excluídas da sociedade devido à falta de saber. Desse modo, ao entrar na sala de aula os alunos deverão refletir e ter uma aprendizagem significativa para então assim tornarem-se cidadãos letrados como nas outras modalidades regular (fundamental e médio).

Assim, o parecer CEB/2000 vem para esclarecer as dúvidas que o sistema tem a respeito do ensino de jovens e adultos e também para “expressar a concepção de resgate de uma dívida colonial negativa, quando se preservou tangivelmente uma educação que fortaleceu a desigualdade social” (ALMEIDA e CORSO, 2015, p.54). O parecer CEB/2000 regulamentou “As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos” (CEB nº 11/2000, aprovado em 10 de maio de 2000.), e estabelece que a EJA não possua mais a função de suprir somente a escolaridade perdida, mas sim à função reparadora, equalizadora e qualificadora ou permanente, e é garantida dessa forma na legislação. A função reparadora como o próprio nome já diz, essa função tem por finalidade fazer a reparação de uma dívida para com o público da Educação de Jovens e Adultos que por um motivo ou outro, não conseguiu estudar no tempo certo. Essa função constitui-se na restauração do direito a uma escola de qualidade, o que significa ter acesso a um bem real, social e simbolicamente importante, contribuindo para a conquista da cidadania e a entrada no mercado de trabalho. **A função reparadora,**

significa não só a entrada no circuito dos direitos civis pela restauração de um direito negado – o direito a uma escola de qualidade – mas também o reconhecimento daquela igualdade ontológica de todo e qualquer ser humano. Dessa negação, evidente na história brasileira, resulta uma perda: o acesso a um bem real, social e simbolicamente importante (Parecer CNE/CEB nº 11/2000).

Já a função equalizadora é a reentrada na escola, que foi interrompida pela repetência ou pela evasão, sendo pela desigualdade de oportunidades. É reparação corretiva que possibilita aos indivíduos novas inserções no mundo do trabalho na vida social. **A função equalizadora**

da EJA vai dar cobertura a trabalhadores e a tantos outros segmentos sociais como donas de casa, migrantes, aposentados e encarcerados. A reentrada no sistema educacional dos que tiveram uma interrupção forçada seja pela repetência ou pela evasão, seja pelas desiguais oportunidades de permanência ou outras condições adversas, deve ser saudada como uma reparação corretiva, ainda que tardia, de estruturas arcaicas, possibilitando aos indivíduos novas inserções no mundo do trabalho, na vida social, nos espaços da estética e na abertura dos canais de participação. Para tanto, são necessárias mais vagas para estes "novos" alunos e



"novas" alunas, demandantes de uma nova oportunidade de equalização. (Parecer CNE/CEB nº 11/2000).

Finalizando, temos a função qualificadora ou permanente, que tem por base o caráter incompleto do ser humano, sua função é reparar a igualdade e diversidade, e também a concepção que a educação é um processo contínuo, ou seja, estamos sempre aprendendo, mas para isso é importante desenvolver uma autonomia para o aprender a aprender sozinho.

Esta tarefa de propiciar a todos a atualização de conhecimentos por toda a vida é a **função permanente** da EJA que pode se chamar de **qualificadora**. Mais do que uma função, ela é o próprio sentido da EJA. Ela tem como base o caráter incompleto do ser humano cujo potencial de desenvolvimento e de adequação pode se atualizar em quadros escolares ou não escolares. Mais do que nunca, ela é um apelo para a educação permanente e criação de uma sociedade educada para o universalismo, a solidariedade, a igualdade e a diversidade. Parecer CNE/CEB nº 11/2000).

Dessa forma, o acesso à modalidade EJA é essencial para seu público alvo, ninguém pode ser privado desse direito, segundo o Ministério da Educação, entretanto, o que se vê é um desrespeito para com os alunos, pois sempre a culpa pela evasão é atribuída somente ao estudante, não havendo a preocupação de saber o porquê dessas idas e vindas para a escola. Portanto,

tratar a EJA como direito significa reafirmar a Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948, para a qual a educação constitui direito fundamental da pessoa, do cidadão; mais do que isto significa criar, oferecer condições para que esses direitos sejam, de fato, exercidos. Desde o final da primeira metade do século XX, os sistemas nacionais de educação vêm decidindo seus rumos e filosofia a partir da prioridade política assumida por todos os Estados-nação que assinaram a referida Declaração. Entre nós, brasileiros, só em 1988 o direito à educação para todos voltou à Constituição Federal, devendo-se abandonar, portanto, qualquer lógica de oferta de atendimento como “oportunidade” e “chance” outorgadas à população. Como direito, a EJA é inquestionável e por isso tem de estar disponível para todos, como preceituado pela Constituição Federal. (BRASIL, 2000)

Assim, percebe-se a importância da modalidade EJA, pois faz parte dos direitos humanos e todos que estão aptos para essa modalidade tem o direito de estudar. Além disso, é um direito conquistado ao longo dos anos, após inúmeros casos de exclusão, preconceito e discriminação. Ter a EJA como direito essencial foi uma grande conquista. Atualmente, trabalhar com a EJA é estar envolvido com a diversidade, pois seu público constitui-se de mulheres, homens, adolescentes, jovens, adultos, idosos, pessoas com necessidades especiais, indígenas, afrodescendentes, descendentes de portugueses e de outros europeus, de asiáticos, entre outros. Toda essa diversidade deve ser considerada na hora de se pensar em



metodologias eficazes para o ensino/aprendizagem na modalidade EJA. Além disso, para trabalhar com essa diversidade é necessário o uso de metodologias significativas como as contidas dentro da Andragogia, que atualmente, se mostra como uma boa opção para se pensar em ensino/aprendizagem na modalidade EJA.

### 1.3 PERFIL DOS EDUCANDOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)

A Educação de Jovens e Adultos (EJA), como modalidade educacional, tem um público diferenciado das outras modalidades de ensino, pois atende, em sua grande maioria, alunos-trabalhadores, ou seja, alunos que já são ativos no mercado de trabalho, que já exercem uma profissão. Esse aluno também vem carregado de experiências, culturas e conhecimentos empíricos que fazem parte da sua realidade.

Tentar compreender esse público alvo da modalidade EJA não é uma tarefa fácil, pois “requer conhecer a sua história, cultura e costumes, entendendo-o como um sujeito com diferentes experiências de vida e que em algum momento afastou-se da escola devido a fatores sociais, econômicos, políticos e/ou culturais” (SEED, 2006, p.26). Dessa forma, percebe-se o diferencial do aluno da EJA, que por sua vez, requer metodologias específicas para proporcionar uma aprendizagem realmente significativa.

Além disso, esse educando da EJA já passou por experiências nem sempre muito agradáveis no meio educacional, por isso também é necessário os principais motivos que levam os alunos a optarem a modalidade da Educação de Jovens e Adultos. Na maioria das vezes, os principais fatores são “o ingresso prematuro no mundo do trabalho, a evasão ou a repetência escolar” (SEED, 2006, p. 29). Esses fatores influenciam diretamente o comportamento do aluno em relação à aprendizagem, por isso, devem ser levados em consideração na hora de se pensar em metodologias para trabalhar com essa modalidade de ensino.

Os professores que atuam nessa modalidade devem “contemplar ações pedagógicas específicas que levem em consideração o perfil do educando jovem, adultos e idosos que não obteve escolarização ou não deu continuidade aos seus estudos por fatores, muitas vezes, alheios à sua vontade” (SEED, 2016, p.30). Isso significa que, muitos alunos não foram parar na EJA por sua própria vontade, simplesmente, foram obrigados devido as suas necessidades de trabalhar ou por suas dificuldades de aprendizagem.

Atualmente, o público alvo da EJA não tem se limitado somente aos adultos, segundo SEED (2006, p. 30), “os adolescentes ainda são presença marcante nas escolas de



EJA. A grande maioria é oriunda de um processo educacional fragmentado, marcado por frequente evasão e reprovação no Ensino Fundamental e Médio regulares”. Isso reflete a realidade de grande maioria dos alunos dessa modalidade, alguns visam acelerar seus estudos ou recuperar as séries perdidas por reprovação e decidem pela estudar na Educação de Jovens e Adultos (EJA).

#### 1.4 A ANDRAGOGIA NA MODALIDADE EJA

Ao longo dos anos, a preocupação em formular metodologias para facilitar a aprendizagem de jovens e adultos, tem aumentado consideravelmente. A alarmante defasagem dos alunos dessa modalidade de ensino ainda é o principal motivo dessa preocupação. Dentre as diversas teorias, encontra-se a Andragogia, que vem do grego andros – adulto – e agogos – guiar, conduzir, educar. Para Malcom Knowles (1970), a Andragogia “é a arte e a ciência de ajudar o adulto a aprender” segundo ele, os adultos precisam ser participantes ativos na construção do seu próprio aprendizado. E que isso deve ser focalizado pelos educadores em sala de aula.

Na Andragogia o foco são os alunos e suas necessidades e não os conteúdos, pois o professor deve planejar suas aulas de acordo com as vivências dos indivíduos e suas especificidades, para então assim haver um conhecimento mútuo entre ambas as partes e desse modo facilitar a sua aprendizagem. No entendimento de Mikulski, (2014), o professor deve pensar em técnicas “adequadas ao aluno, focando suas necessidades e não os conteúdos”. Assim, a aprendizagem dos alunos, que por sua vez já estão na fase adulta, se torna mais significativa, isso se dá pelo fato de que a maneira como os adultos aprendem é bem diferente da forma como as crianças absorvem o conhecimento no ensino regular.

A Andragogia já existe há muito tempo, mas segundo Mikulski, (2014), foi “nos anos 60, que um Yugoslavo, educador de adultos, participando de um seminário de verão na Boston University, expôs o termo “Andragogia”, como um conceito mais organizado a respeito da educação de adultos”. Depois desse seminário, o termo foi se tornando cada vez mais conhecido e também estudado.

Estudar essa área de conhecimento não é nada fácil, pois trabalhar com adultos é muito complexo e exige muito estudo por parte do professor na área da Andragogia. Essa área de estudo compreende a formação de adultos, tanto na área de trabalho quanto no âmbito escolar, pois quando os estudantes da EJA sabem o porquê da sua presença em sala de aula eles se sentem mais importantes e confiantes para estudar o conteúdo passado pelo professor.



O modelo andragógico é baseado no modelo de criação do educador estadunidense Malcom Knowles (1980) que tem os seguintes princípios: a Necessidade de Saber (o aluno tem que ter consciência dos benefícios que obterá ao aprender e as consequências de não aprender); Autoconceito do Aprendiz (os alunos se acham responsáveis por si mesmos e capazes de tomar suas decisões, resistindo, às vezes obedecer a comandos da parte do professor); o Papel das Experiências dos Aprendizes (suas experiências ao longo dos alunos influenciam diretamente sua aprendizagem); Prontos para Aprender (eles têm disposição para aprender conhecimentos que irão utilizar no seu dia a dia); Orientação para Aprendizagem (são mais focados e atentos as orientações dadas); Motivação (tem como motivação o crescimento profissional e a capacitação para o mercado de trabalho).

Sendo assim, a proposta da Andragogia mostra-se muito relevante para a modalidade da Educação de Jovens e Adultos, pois a compreensão para a formulação de atividades de aprendizagem realmente significativas para os alunos que por sua vez, aprendem diferente dos outros alunos das outras modalidades de ensino (fundamental e médio). Além disso, os alunos percebem quando a metodologia do professor não está funcionando, pois sentem dificuldades de apreender através de métodos formulados para alunos do ensino regular, que não tiveram as mesmas experiências que eles.

## **2 A PESQUISA E SEUS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Está pesquisa tem como temática “As narrativas na Educação de Jovens e Adultos: o que dizem os estudantes sobre as metodologias aplicadas no 2º segmento na modalidade de educação de jovens e adultos numa escola pública do município de Tefé”. Diante da temática tivemos como problema a ser investigado: quais as percepções dos estudantes sobre as metodologias utilizadas na sala de aula e sua contribuição (ou não) para uma aprendizagem significativa? Para responder aos problemas, definimos as seguintes questões norteadoras: quais as metodologias são utilizadas pelos (as) educadores (as)? No processo ensino aprendizagem da leitura e da escrita, quais dificuldades os (as) alunos (as) da EJA apresentam? Quais são as percepções dos estudantes sobre as metodologias utilizadas na sala de aula?

Para o desenvolvimento desta pesquisa, utilizou-se a abordagem qualitativa, que é uma “metodologia que possibilita conhecermos o ambiente e os participantes da pesquisa” (CHIZZOTTI, 2006, p, 52), ou seja, é um conjunto de métodos que visa analisar a subjetividade dos sujeitos da pesquisa, considerando seus conhecimentos empíricos e suas



experiências individuais e coletivas. Para Marconi e Lakatos (2007, p. 268), a pesquisa qualitativa

preocupa-se em analisar e interpretar os dados em seu conteúdo psicossocial. Considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. Na pesquisa qualitativa, a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são essenciais. O pesquisador, considerado instrumento chave, tende a analisar seus dados indutivamente, no ambiente natural. O Processo e seu significado são os focos principais de abordagem.

Dessa forma, a pesquisa se torna mais eficiente, pois não deixa de analisar todos os aspectos, sejam eles objetivos ou subjetivos que envolvem o sujeito da pesquisa. Fundamentada nesta perspectiva, adotamos como abordagem teórico-metodológica a pesquisa autobiográfica, com ênfase nas narrativas dos discentes, tendo como foco as “Metodologias aplicadas na 2ª Fase da modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA)”. Essa escolha justifica-se pelo fato de as Narrativas Autobiográficas ajudam a compreender o perfil social e psicológico dos alunos, suas opiniões sobre a temática, pois enquanto o aluno escreve a sua narrativa, ele “seleciona acontecimentos, interpreta o vivido, as experiências significativas que marcaram sua trajetória e compõem uma narrativa, considerando-os de acordo com sentidos que esses conhecimentos ou acontecimentos têm para si, para sua história”. (BOLOGNANI; NACARATO, 2015).

Através da rememoração os participantes da pesquisa têm a possibilidade de reorganizar as experiências que foram significativas para sua formação contribuindo para melhor entender as crenças e concepções construídas, favorecendo o conhecimento de si mesmo e a atualização dos conhecimentos construídos (JOSSO, 2004). Assim, com base no caráter investigativo e formativo da pesquisa autobiográfica, com ênfase nas narrativas dos discentes, a pesquisa tem como objetivo analisar, através das narrativas, as percepções dos estudantes sobre as metodologias utilizadas na sala de aula e sua contribuição (ou não) para uma aprendizagem significativa.

Para responder às questões norteadoras dessa pesquisa foram usados os seguintes procedimentos metodológicos: 1) O Levantamento Bibliográfico que consistiu em leituras e estudos de trabalhos e pesquisas para situar a produção acadêmica que discutem as especificidades da Educação de Jovens Adultos; 2) A Observação Participante durante o Estágio Supervisionado II que consistiu “na participação real do pesquisador com a comunidade ou grupo. Ele se incorpora ao grupo, confunde-se com ele, fica tão próximo quanto um membro do grupo que está estudando e participa das atividades normais.” (LAKATOS, 2008, p. 196). Essa técnica possibilitou conhecer a prática pedagógica da





professora e a opinião dos alunos sobre essa prática. Além disso, possibilitou identificar as dificuldades dos (as) alunos (as) em relação ao ensino/aprendizagem; 3) Seleção de 03 (três) alunos (as) da Educação de Jovens e Adultos do segundo segmento da EJA e 02 (duas) professoras de Língua Portuguesa); 4) Aplicação do questionário – teve como objetivo conhecer o perfil dos alunos e professores da Educação de Jovens e Adultos; 5) Elaboração das narrativas: esse instrumento foi utilizado tendo como objetivo analisar, através das narrativas, as percepções dos estudantes sobre as metodologias utilizadas na sala de aula e sua contribuição (ou não) para uma aprendizagem significativa; 6) Análise dos dados – A fonte de dados foram as narrativas três alunos da EJA, e os questionários das duas professoras. Para analisar as narrativas e compreender o caminho formativo dos participantes da pesquisa foram definidas categorias por temática, o que oportunizou o levantamento e a compreensão dos elementos significativos que as compõem, possibilitando responder às questões norteadoras da pesquisa.

## 2.1 QUEM SÃO AS PROFESSORAS E OS ALUNOS DA PESQUISA?

Para resguardar suas identidades serão apresentados como A1, A2 e A3; P1e P2. A aluna 01 tem 32 anos, natural de Coari, mora em Tefé há cinco anos, têm dois filhos, sua profissão atual é doméstica. Ela parou de estudar, pois foi mãe muito cedo e seu marido não a deixava estudar. Ela retornou seus estudos quando se separou do seu marido e veio morar aqui no município de Tefé com sua mãe. Seu maior sonho é finalizar seus estudos e fazer uma faculdade, arrumar um trabalho e sustentar sua família.

A aluna 02 tem 29 anos, natural de Tefé, tem dois filhos não está trabalhando no momento. Ela parou de estudar porque casou cedo e seu esposo não a deixou estudar e isso atrasou muito ela nos seus estudos. Para que ela viesse retornar seus estudos teve que se separar. Seu sonho é finalizar seus estudos e mudar de vida.

O aluno 03 tem 19 anos, natural de Tefé, não tem filhos, no momento trabalha como ajudante de pedreiro passou a estudar na Educação de Jovens e Adultos devido a seu trabalho. E futuramente quer finalizar para então assim arrumar um emprego melhor.

A professora 01 tem 32 anos, mora no município de Tefé seu tempo de serviço nessa modalidade de ensino são de três anos, seu vínculo empregatício é contrato pela SEMED, trabalhar na 1ª e 2ª fase do 2º segmento do Ensino Fundamental, no turno noturno, sua formação como professora foi pela Universidade do Estado do Amazonas-UEA no Curso de Letras. Essa professora tem especialização, mas não é voltada para a EJA. A Professora 02,



sua idade é de 35 anos seu tempo de serviço é de quatro anos, tem três especializações e uma delas, é Ensino de Jovens e Adultos (EJA), ela tem contrato de trabalho pela SEMED, é formada no curso de Letras pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA);

### **3 NARRATIVAS DE SI: PERCEPÇÕES DOS ESTUDANTES SOBRE AS METODOLOGIAS UTILIZADAS PELOS PROFESSORES**

#### **3.1 METODOLOGIAS UTILIZADAS PELOS PROFESSORES**

Durante o Estágio Supervisionado II, na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), na turma da 2ª fase “A”, no 2º segmento de uma escola da rede municipal de Tefé, no turno noturno, foi observado como os professores trabalhavam os conteúdos, e quais eram as metodologias utilizadas por esses profissionais quando iam aplicar esses conteúdos e foi observado também o comportamento dos sujeitos diante desses métodos usados.

Diante das observações realizadas foi visto que as professoras sempre usavam um mesmo método, copiavam, explicavam e passavam atividades no quadro sempre com assuntos relacionados à gramática, como se, somente o estudo gramatical fosse importante para formar cidadãos. Essa prática torna-se constante e faz com que os alunos percam o estímulo para aprender coisas novas. Isso pode ser comprovado por alguns alunos quando indagados sobre as metodologias que os professores trabalhavam com eles.

De acordo com a A1, ela disse que: *“Bom esse ano nós ainda não tivemos nem uma leitura, pouca escrita. O professor de português muitas das vezes nem explicar. Aplicar logo a prova, assim ficar difícil para os alunos, o bom para nós que ele deixar nós consultar o caderno”*. Para A2 a professora somente escreve *“o assunto no quadro e fazendo a gente ler”*. Já o aluno A3, ele aponta um aspecto positivo na metodologia utilizada pela professora quando afirma que: *“A metodologia é a prática da leitura e a escrita no quadro para cada um dos alunos, lendo parte do assunto que estudamos dentro da sala em voz alta isso é ótimo para o desenvolvimento do aluno”*.

Com base nas respostas das A1 e A2 verificou-se que o professor sempre utiliza o mesmo procedimento quando aplica um conteúdo ou atividade, usava o quadro branco, explicação e exercícios quando se tratava de sua prática pedagógica, desta maneira, não havendo uma aprendizagem significativa para os discentes. No entanto, o A3 achava a metodologia da professora muito positiva e que era de suma importância para o seu desenvolvimento como estudante.





Analisando as respostas dos discentes a respeito das metodologias aplicadas pelas professoras de Língua Portuguesa, observamos diante das opiniões das A1 e A2, a prática de metodologias que elas já estão acostumadas de ver no âmbito escolar. Os docentes levam o assunto pronto e somente transcrevem no quadro branco, mandando o estudante fazer uma reprodução automática e sem variações. Para o A3, essas metodologias eram ótimas para o seu desenvolvimento, e não importava muito se as professoras levavam ou não um novo método de ensino para as aulas, o importante mesmo era que ele aprendesse, pois trabalhando a escrita e a leitura já estava bom demais. Dessa maneira essa metodologia se insere em uma abordagem tradicionalista que segundo Misukami (1986, p. 15),

O professor já traz o conteúdo pronto e o aluno se limita, passivamente, a escutá-lo. [...]. A reprodução dos conteúdos feita pelo aluno, de forma automática e sem variações, na maioria das vezes, é considerada como um poderoso e suficiente indicador de que houve aprendizagem e de que, portanto, o produto está assegurado.

A abordagem tradicionalista faz com que o aluno se transforme num ser automático, que somente reproduz os assuntos passados pelo educador, não permitindo ao discente expor sua opinião a respeito do que foi ensinado e muitas vezes essa abordagem apresenta um resultado satisfatório na percepção de alguns estudantes. Mas essa abordagem não é vista nas falas das professoras entrevistadas a respeito das metodologias aplicadas por elas, às respostas foram bem diferentes das respostas dos educandos. De acordo com as professoras o texto é usado como objeto de ensino para despertar o senso crítico e o interesse pela leitura, como podemos observar na fala da P1 *“Os gêneros textuais são trabalhados de acordo com os planos de curso do ano letivo. Mas, tenho preferência pelas Fábulas, por possuir moral e valores a serem trabalhados e analisados pelos educandos”*. Já a P2, em sua resposta sobre as metodologias aplicadas em sala de aula, discorre que trabalha com textos de acordo com o plano de curso oferecido no ano letivo.

Utilizo o mais simples ao mais avançado como: Fábulas, Contos, receita culinária, crônicas, propaganda, lendas. Portanto, trabalho muito o desenvolvimento com meus alunos, onde eles mesmo constroem suas histórias, seus poemas, para assim construíssem sua liberdade de expressão. (P2)

A P2 disse que usava textos simples conforme o aprendizado do aluno, ela passava textos mais complexos, para assim desenvolver o pensamento crítico e na construção da história desses indivíduos e sua liberdade de expressão. Em relação às falas das docentes e dos alunos percebe-se que a percepção de ambos são totalmente contrárias, pois, os discentes afirmaram que as professoras usavam muito o quadro e não tinha um método diferenciado de



aplicar os assuntos. Já as docentes falaram que usavam diversos métodos para elaborar uma boa aula, e dessa maneira formar pessoas críticas e com liberdade de expressão.

Vale ressaltar, que durante a observação participante, confirmou a percepção dos estudantes acerca das metodologias utilizadas pelas professoras, as quais eram bastante monótonas. Chegavam à sala, faziam a chamada e passavam o conteúdo, explicavam e aplicavam logo os exercícios com frases soltas ou até mesmo simulados com perguntas de múltipla escolha enormes, quando chegava ao final da pergunta o aluno não tinha a mínima ideia do que aquilo significava ou o que pedia para ser feito, não havia nenhuma dinâmica, e nem exemplos do cotidiano desse sujeito, que auxiliasse no seu entendimento.

Os alunos dessa modalidade gostam de metodologias diferenciadas, as quais promovam uma aprendizagem significativa, que segundo Rogers (2001, p. 01) é “uma aprendizagem que é mais do que uma acumulação de fatos. É uma aprendizagem que provoca uma modificação, quer seja no comportamento do indivíduo, na orientação futura que escolhe ou nas suas atitudes e personalidade.”. E para que esse sujeito venha ter mudança na sua vida escolar é necessário que o professor leve métodos que contenham dinâmicas e outros instrumentos metodológicos para aplicar os conteúdos, e assim deixar as aulas empolgantes de se assistir, pois, após um longo dia de trabalho, esses alunos não querem se sentir sono durante as aulas, porque muitas vezes são pessoas que chegam de seus trabalhos na roça, na pesca, em obras e outros serviços pesados, e seu corpo e sua mente já estão cansados e somente desejam que a aula não seja chata, nem a mesma todos os dias.

Podemos observar isso na fala dos alunos sobre a ministração das aulas: “*Mais explicada com bastante calma e com bem dedicação, porque a língua portuguesa e bastante importante*” (A1). Como pode ser visto neste fragmento retirado da opinião da A1, ela gostaria que o professor explicasse com calma e dedicação os assuntos trazidos por ele. “*Mais dinâmica*” (A2). Essa outra aluna fala da importância da dinâmica em sala de aula, pois de acordo com sua fala, trabalhar com dinâmicas em sala de aula ajuda no aprendizado dela. Para A3, do modo como esses profissionais trabalhavam estava ótimo, porém para ele tinha docentes que não se importam com os alunos como é visto na sua fala: “*acho que pra mim tá bom por que muitas vezes nós expressamos nos estudos e com os professores que são ótimos porque tem outros que só Jesus na causa que são duros não perguntam e nem falam com nós*”.

Como foi falado, os alunos da educação de jovens e adultos gostariam que as aulas fossem mais “*legais*”, mas ao chegar à sala de aula se depara com somente uma maneira de aprender, rescrevendo do quadro, explicação sem exemplos do dia a dia dos educandos,



leitura e correção individual das atividades. No entanto, alguns sujeitos da EJA não gostam de como os professores trabalham os conteúdos, e isso é um dos fatores que influenciam para o abandono escolar, porque alguns pensam: “*não vou hoje à aula porque o que eu estudei ontem vai ser a mesma coisa de hoje*” (A1).

Para que esse aluno não venha abandonar a escola, é necessário que os professores despertem o interesse dos mesmos, para o desenvolvimento das suas habilidades, como fazer poemas, textos, paródias entre outros. Quando tinha algum evento, os alunos eram bem interessados, participativos gostavam de contribuir quando eram solicitados para realizar peças teatrais, poemas, paródias. Um belo exemplo disso foi a Semana Literária realizada por uma entidade renomada do município.

Esse projeto é feito todos os anos para a modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) e isso é muito importante para o aprendizado desses discentes, como podemos observar nas suas respostas:

*A Semana literária é muito importante por que ajuda a gente se expressar fazendo textos e expondo no dia para que todos venham ver o que nós fizemos (A1).*

*A Semana Literária, os professores nos ajudam a fazer poemas e ler para pessoas presentes, também a gente faz parodias para apresentar lá. E quando tem palestras é muito importante porque me ajuda na prevenção de doença. (A2).*

*A semana Literária é ótimo para o seu desenvolvimento como aluno (A3).*

Como podemos ver na fala dos alunos esses projetos despertam o interesse e tem um grande significado nas suas vidas, pois acham o aprendizado mais divertido e dinâmico para se aprender. Trabalhar com projeto é muito bom, porque oportuniza ao estudante um novo modo de aprender e ensinar quem os ensina, e isso alguns acadêmicos fizeram naquela entidade escolar.

Outro evento muito importante que marcou essas observações foi um projeto que os acadêmicos, bolsistas do curso de licenciatura em História, realizaram na semana da Consciência Negra, envolvendo todos os alunos da escola. Houve depoimento de pessoas negras que sofreram e sofrem preconceito por sua cor, foram apresentadas as comidas típicas africanas que ganharam modificações brasileiras, e também a valorização da beleza negra. Os alunos ficaram tão empolgados com esse projeto que houve até culminância e exposições de textos, poemas, cartazes e outros elementos feitos por eles.

Conclui-se que quando se trabalha com projetos, os discentes se sentem mais motivados para permanecerem no ambiente escolar, e desse modo se tornaram cidadãos letrados e cheios de saberes, para então assim, não pararem de estudar e concluírem seus



estudos. Havendo metodologias diferenciadas os discentes irão se sentir desafiados todos os dias para ir às aulas, e desse modo descobrirão novos e diversos saberes que os motivarão a não desistir. Para isso o professor deve considerar a realidade dos educandos, pois somente assim

[...] o educador conseguirá promover a motivação necessária à aprendizagem, despertando neles interesses e entusiasmos, abrindo-lhes um maior campo para os que estão aprendendo e, ao mesmo tempo, precisam ser estimulados para resgatar sua autoestima, pois a sua ignorância lhes trará ansiedade, angústia e complexo de inferioridade. Esses jovens e adultos são tão capazes como uma criança, exigindo somente mais técnica e metodologia eficientes para esse tipo de modalidade, (GADOTTI, 1996, p.83)

Desse modo, o auxílio dos educadores, mediando o conhecimento, é muito importante para o crescimento dos discentes na modalidade de Educação de Jovens e Adultos. Os docentes tem o dever de instigar os educandos, pois dessa maneira, eles se sentirão mais confiantes e motivados para construir o seu conhecimento.

Outro fato que foi observado na EJA, além das metodologias, foram os adolescentes com idades entre 15 e 17 anos, que poderiam está no ensino regular, mas preferiram essa modalidade para finalizarem mais rápido seus estudos e assim trabalhar e sustentar a família, ou porque querem ser independentes financeiramente e deixam de estudar de dia e passam para a noite, e como a maioria das escolas possuem EJA no turno noturno isso acontece. Outra hipótese, é que esse aluno já está cansado de estudar no ensino regular e pensa que se for para a Educação de Jovens e Adultos irá encontrar outro tipo de ensino, então percebe que é a mesma prática utilizada no ensino regular e isso o desanima e faz com que ele desista. De acordo com Lemos (1999, p. 25):

Os adolescentes e adultos procuram a escola, inicialmente, motivados pela experiência de conseguir um emprego melhor, ou então são levados pelo desejo de elevação da autoestima, da independência e da melhoria de sua vida pessoal, como por exemplo, dar bons exemplos aos filhos, ajuda-los em suas tarefas escolares. Em síntese, pode-se inferir que o maior motivo da procura da escola é a necessidade de fixação de sua identidade como ser humano e ser social.

Essas pessoas que procuram a modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) são sujeitos que desejam mudar de vida, tanto financeiramente como socialmente, para eles o único meio de transformação de vida é através dos seus estudos como afirmam os alunos:

Não tive a oportunidade de termina o estudo, que hoje preciso ser formada e ter um bom ensino para poder ter um emprego. (A1)

Me sentir discriminada por pessoa, e quero terminar meus estudos para arranja um trabalho para dar de bom para minha filha e meus pais. (A2)



Do mesmo modo que as outras duas alunas responderam que estão estudando para não sofrerem preconceito e que almejam um bom emprego para sustentar seus familiares, o A3 salientou que *“na área de trabalho quando a gente vai fazer uma entrevista a primeira coisa que perguntam a escolaridade”*. Perante essas respostas dadas pelos educandos vemos que o principal motivo deles estarem em sala de aula é para garantir um bom emprego e sustentar suas famílias. Mas nesse caminho existem muitas dificuldades a ser percorridas, no entanto eles têm de ser fortes e persistentes no que almejam alcançar, nos seus sonhos de um futuro melhor.

### 3.2 DIFICULDADES DOS ALUNOS NO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM

As maiores dificuldades dos alunos da 2ª fase “A”, do 2º segmento da modalidade EJA, foram a respeito da leitura, escrita e na interpretação de textos, muitos desses educandos não eram alfabetizados e quando a professora passava o conteúdo, uns não conseguiam acompanhar o que estava sendo escrito no quadro, e com isso ficavam parados sem fazer nada, sentados esperando o tempo passar. E quando era na hora da leitura e explicação do assunto ficavam do mesmo modo, sem fazer nada. Diante dessas dificuldades enfrentadas pelos educandos da EJA, foi solicitado que escrevessem uma narrativa autobiográfica, a respeito das dificuldades e empecilhos que eles sentiam em relação às metodologias aplicadas pelas professoras no processo ensino aprendizagem. E de acordo com os alunos essas dificuldades eram:

Minha dificuldade é que quando a professora passar um conteúdo ela não explicar, ai ficar difícil de entender ai ficamos com dificuldade. Tenho dificuldade também na escrita do texto e na leitura. (A1)

A compreensão e interpretação de textos. (A2)

Pra mim são as pontuações e os acentos. (A3)

Para a A1, suas maiores dificuldades eram a compreensão dos assuntos passados em sala, a metodologia que a professora trabalhava não contribuía para a minimização das suas dificuldades. A aluna 02 em sua narrativa falou que a maior dificuldade na disciplina era quando ela lia um texto e não conseguia entender o que o texto queria transmitir. O aluno 03 narra que suas maiores dificuldades em Língua Portuguesa são as pontuações, que quando ele vai escrever um texto ou ler, não sabe fazer as devidas pausas que o texto pede. Outras dificuldades, apontadas por eles, foram que os professores não têm muita paciência e nem educação para responder suas dúvidas a respeito do conteúdo passado.



Também foi solicitado que as professoras apontassem as maiores dificuldades no processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita e interpretação de textos.

Na Leitura. Já que os mesmos não possuem hábitos da leitura, não conseguem se concentrar durante as práticas (P1).

Dificuldade para escrever, textos pequenos, interpretar textos curtos. Ao ler, o aluno troca as letras, as palavras. E há casos onde o aluno ou aluna sabe escrever, mais não sabe ler e vice-versa. Portanto, a problemática maior é termos que alfabetizar novamente aquele aluno que foi empurrado para uma série seguinte mesmo apresentando tal dificuldade (P2).

Com as respostas dos educadores foi possível constatar que as respostas dos discentes foram confirmadas pelas professoras no que diz respeito às dificuldades enfrentadas no âmbito escolar na escrita, na leitura e interpretação de textos. P1 diz que os alunos não têm o hábito da leitura e por isso não conseguem realizar as atividades práticas passada por ela, no entanto, como esse aluno irá realizar essas atividades práticas se ele não estimulado para realizar essas leituras? Já para P2 a maior dificuldade é na escrita, pois os mesmos não eram letrados e isso dificulta o ensinamento.

Outras dificuldades apontadas pelos professores são a respeito da permanência desses alunos em sala de aula. Para a P1 a dificuldade é *“permanecer até o termino do ano letivo e a falta de sonhos para se alcançar”*. Já P2 diz que: *“Baseada na realidade do cotidiano de cada aluno, suas dificuldades são o trabalho, a dificuldade na escrita, na leitura e até mesmo motivação para continuar o estudo”*.

Analisando as respostas das professoras, outros empecilhos são também vistos como dificuldades na caminhada escolar dos discentes da EJA, como o cansaço de um longo dia de trabalho, a mãe que não tem com quem deixar seus filhos pequenos, e também o marido que não deixa a esposa estudar por ciúmes ou até mesmo preconceito de gênero (que mulher foi feita para ficar em casa cuidado dos filhos e do marido), meninas e meninos que são envolvidos com drogas, dessa maneira, são fatores que influenciam muito na desistência dos sujeitos dessa modalidade, umas vezes por não saberem ler, escrever e fazer a interpretação de textos em sala, e por vergonha de pergunta dos professores, as suas dúvidas a respeito dos conteúdos ministrados e outras vezes por fatores sociais e pessoais que levam esses estudantes ao abandono de seus estudos.

Sendo assim, essas narrativas foram de suma importância para saber quais eram as maiores dificuldades no processo ensino aprendizagem desses sujeitos, que enfrentam nessa caminhada árdua, tudo para estarem presentes na sala de aula. E através dessas narrativas foi possível saber se as metodologias utilizadas contribuem (ou não), na vida desses sujeitos.





### 3.3 PERCEPÇÕES DOS ALUNOS SOBRE AS METODOLOGIAS UTILIZADAS NA SALA DE AULA

De acordo com alguns alunos, as metodologias trabalhadas na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), no 2º segmento, na turma da 2ª fase “A” contribuem para o aprendizado que eles necessitam na sua vida diária, como ajudar seus filhos no dever de casa, a ler a Bíblia e o mais importante que eles almejam futuramente, um emprego, pois como eles falam que *“nos dias de hoje quem não tem estudo não consegue trabalho”*. E essa é a principal opinião deles sobre as metodologias utilizadas por esses profissionais, um futuro melhor.

A A1 destaca que: *“aprendo mais sobre a leitura e sobre a língua portuguesa que é essencial para nós”* para ela é essencial aprender a Língua Portuguesa para que mais adiante venha servir para o seu aprendizado e assim finalizar seus estudos para poder se empregar e ajudar na criação de seus filhos. A2: fala que *“os ensinamentos dos professores que podemos ter uma profissão futuramente”*. A A2 diz que esses conhecimentos que a professora repassar para eles é importantíssimo, porque serve para quando ela arrumar um emprego futuramente, e assim saber sim expressar corretamente diante das pessoas. Para A3: diz que em sua opinião sobre as metodologias aplicadas pela professora *“sim tem utilidade por eu aprender muitas coisas tanto da escola como na minha própria vida eu vejo que tem gente que só não aprende por não querer e ainda vai a escola e reclama dos ensinamentos e não dá atenção”* para esse aluno, do modo como a professora trabalha os conteúdos está bom demais, porque ele aprende e consegue obter o entendimento do que ela quer repassar.

No entanto, diante das observações foi visto que alguns alunos assimilam como a professora trabalha mesmo sendo um método mais tradicional cópia no quadro, explicação e seguido por exercícios de fixação, porém eles no dia das avaliações não lembram o que foi estudado. Isso nos levar a pensar que eles não obtiveram uma aprendizagem significativa, que segundo Rogers (2001, p. 01), a aprendizagem significativa é,

uma aprendizagem que é mais do que uma acumulação de fatos. É uma aprendizagem que provoca uma modificação, quer seja no comportamento do indivíduo, na orientação futura que escolhe ou nas suas atitudes e personalidade. É uma aprendizagem penetrante, que não se limita a um aumento de conhecimento, mas que penetra profundamente todas as parcelas da sua existência.



Vale ressaltar, que para que aconteça uma aprendizagem, ela deve ser significativa. Pois sendo uma aprendizagem significativa, o professor não terá que se preocupar com avaliação e terá certeza de que esse aluno aprendeu de forma bem satisfatória.

Portanto, para os alunos as metodologias aplicadas contribuem sim para sua aprendizagem, mas como já foi abordada essa aprendizagem é passageira, pois esses alunos somente aprendem na hora da aula e depois esquecem o que foi passado.





## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo tivemos como problema a ser investigado: quais as percepções dos estudantes sobre as metodologias utilizadas na sala de aula e sua contribuição (ou não) para uma aprendizagem significativa? E como objetivo geral analisar, através das narrativas, as percepções dos estudantes sobre as metodologias utilizadas na sala de aula e sua contribuição (ou não) para uma aprendizagem significativa.

Para isso, tivemos como base, para análise de dados às narrativas de três alunos (as), sendo duas mulheres e um homem, participaram também desta pesquisa duas professoras de Língua Portuguesa contratadas pela rede municipal de Ensino, as quais responderam um questionário sobre quais eram as metodologias que elas usavam no processo ensino aprendizagem desse sujeito.

Em relação às **metodologias utilizadas pelos professores**, alguns alunos estavam satisfeitos do modo como às professoras aplicavam os conteúdos, escrevendo no quadro, fazendo explicações sem contextualizar com a realidade desse sujeito, e após isso passavam exercícios para verificar se eles tinham assimilado o assunto ou não.

Como foi visto na fala do A3 em sua narrativa, o modo como a docente aplicava os conteúdos ele compreendia e reforçou que não tinha nada que reclamar das metodologias, mas tinham aqueles alunos que gostariam que as professoras levassem algumas metodologias diferenciadas para um melhor entendimento, para que as aulas não se tornassem monótonas e muito menos cansativas, e podendo assim haver uma aprendizagem significativa.

A A2 falou em sua narrativa, que gostaria que a professora mudasse o “jeito” de trabalhar, e que ela poderia levar algumas dinâmicas para melhor explicar o assunto estudado. Para a A1, o modo como a professora passava o assunto era muito chato e ela não gostava muito. Isso nos mostra que essas professoras não conhecem os princípios da Andragogia, a qual é a ciência que diz como o adulto aprende, tendo como base suas experiências vivenciadas.

Em relação às **dificuldades dos alunos no processo ensino aprendizagem**, as maiores dificuldades dos alunos, nessa modalidade, foram na leitura, na escrita e na interpretação de textos, pois muito desses discentes era alfabetizados, porém não eram letrados e isso dificultava na aplicação dos conteúdos ministrados pelos educadores.

Para A1 sua maior dificuldade era quando a professora passava um assunto novo e ela não tinha o entendimento necessário, pois segundo ela, a professora não explicava do modo que ela pudesse entender. Já a A2 falou que sua maior dificuldade era na interpretação



de textos, porque tinha alguns textos que exigiam uma leitura bem feita, porém ela não tinha o hábito de leitura. E a dificuldade do A3, era na questão dos acentos gráficos que ele não tinha o domínio quando fazia leitura ou escrita, mas essas dificuldades não eram somente no ambiente escolar, e sim na vida pessoal dos sujeitos dessa modalidade.

As professoras também falaram a respeito das dificuldades dos alunos. P1 afirmou que as dificuldades dos alunos, além da leitura, porque eles não tinham o hábito de ler, era a respeito da permanência na escola, pois muitos não chegavam nem na metade do primeiro semestre e já desistiam de seus sonhos de melhorar de vida. Já a P2, diferente da P1, apontou como dificuldades dos alunos da EJA, a escrita, porque muitos deles não possuíam o hábito de escrever. A outra dificuldade identificada foi o fato de muitos trabalharem o dia todo e chegarem cansados na sala de aula, bem como outros problemas de ordem familiar. Desse modo, podemos constatar que existe várias dificuldades que impedem os (as) aluno (as) finalizarem seus estudos e assim obter o conhecimento necessário para o seu desenvolvimento como cidadão alfabetizado e letrado.

No que diz respeito às **percepções dos alunos sobre as metodologias utilizadas na sala de aula**, para os estudantes pesquisados a metodologia que as professoras utilizam contribuem sim para o ensino aprendizagem desse sujeito, que tem objetivos diferenciados ao retornar à escola, como ler a Bíblia, ajudar os seus filhos nas atividades escolares e o mais importante, sendo o principal objetivo a entrada no mercado de trabalho.

Para A1, a aprendizagem construída em sala de aula servirá, mais adiante, para conseguir um emprego e sustentar sua família. Já A2, disse que o que ela aprendeu na escola contribuirá futuramente para a mudança na sua vida e de seus familiares. O A3 disse que essas metodologias eram boas e não tinha nada a reclamar da professora.

As narrativas autobiográficas possibilitaram aos sujeitos da EJA conhecerem a si próprio, pois enquanto eles estavam escrevendo suas histórias, refletiam sobre as experiências vivenciadas no decorrer de suas vidas. Como afirma Josso (2004, p.445), “trabalhar as questões da identidade, expressões de nossa existencialidade, através da análise e da interpretação das histórias de vida escritas, permite colocar em evidência a pluralidade, a fragilidade e a mobilidade de nossas identidades ao longo da vida”. Através dessas narrativas foi possível conhecer esse estudante da EJA, e quais suas dificuldades enquanto está na sala de aula, conhecemos também quais os seus sonhos para o futuro e como essas metodologias influenciaram para que ele venha ser um cidadão letrado perante uma sociedade tão crítica e cheia de preconceito.



Portanto, essa pesquisa foi de suma importância, pois possibilitou conhecer melhor esses estudantes e de como trabalhar nessa modalidade futuramente, levar conteúdos para despertar o interesse pela leitura, escrita, interpretação de textos e sempre trabalhar esses conteúdos a partir das experiências de mundo que eles trazem das suas vidas. Como afirma Freire (2002, p.25) “quem ensina aprende ao ensinar, e quem aprende ensina ao aprender”. E essa afirmação deixa claro que professores e alunos estão em um processo de ensino e aprendizagem e ambos são seres importantes na construção do saber.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, V. **Literatura e autobiografia: a questão do sujeito na narrativa.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 4, n. 7, 1991, p. 66-81.

ALMEIDA, A; CORSO, A.M. A educação de jovens e adultos: aspectos históricos e sociais. **Formação de professores, complexidade e trabalho docente.** Rio de Janeiro, 2015.

ARANHA, Maria Lucia de Arruda. **História da Educação.** 2 ed. Ver. e atual – São Paulo: Moderna, 1996.

BOLOGNANI, M. S. F; NACARATO, A. M. Las narrativas de vida como prácticas de (auto) formación de maestras que enseñan matemáticas. **Revista mexicana de investigación educativa**, v. 20, n. 64, 2015, p. 171-193.

BRASIL, Secretaria do Estado de Educação-SEED. **Superintendência da Educação: Diretrizes Curriculares para Educação Básica-EJA.** Curitiba/Paraná, MEMVAVMEM Editora, 2006.

BRASIL. **Conferência Regional Preparatória.** Brasília, janeiro 97. V Conferência Internacional sobre Educação de adultos. Hamburgo, julho 97. Brasília: MEC, 1998.

BRASIL. **Conselho Nacional de Educação.** Parecer CEB nº. 11/2000. Diretrizes Curriculares para a Educação de Jovens e Adultos. Brasília: MEC, maio 2000.

BRASIL. **Constituição Brasileira.** 5 de outubro 1988.

BRASIL. **Lei 9.394/1996, 20 de dezembro de 1996,** Diário Oficial da União, Brasília, DF, 12 ago. 1996.

CHIZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais.** Petrópolis: Vozes, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa** 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir (Org.). **Educação de jovens e adultos: as experiências do MOVASP.** São Paulo: Instituto Paulo Freire, 1996.

GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo, **História da educação brasileira/** Paulo Ghiraldilli JR. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

JOSSO, Marie Christine. **Experiências de Vida e de Formação.** São Paulo: Cortez, 2004.

LAKATOS, E. M. & MARCONI, M. A. **Metodologia do trabalho científico.** Ed Atlas. São Paulo 2007.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica/Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos.-6.ed.-6. reimpr.-São Paulo: Atlas 2008.**



LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet.** Belo Horizonte: UFMG, 2008.

LEMOS, Marlene Emília Pinheiro de. **Proposta Curricular.** In BRASIL. Salto para o futuro: Educação de jovens e adultos. Brasília: Ministério da Educação, SEED, 1999.

MASSIMI, M. **A fonte autobiográfica como recurso para a apreensão do processo de elaboração da experiência na história dos saberes psicológicos.** 2011. Disponível em <http://www.fafich.ufmg.br/memorandum/a20/massimi05>>. Acesso em 16 jan. 2016.

KNOWLES, Malcolm S. **The modern practice of adult education: andragogy versus pedagogy.** New York: Association Press, 1970.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino: as abordagens do processo/** Maria da Graça Nicoletti Mizukami. – São Paulo: EPU, 1986.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa.** São Paulo: Pioneira

MIKULSKI, Jaqueline C. **Princípios da Andragogia para facilitadores.** Mkaplus. 2014

MOURA, A.C. **Autobiografia: gênero literário ou forma de recepção?** Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli, Crato, v. 3, n. 2, p. 142-152, mai. - ago. 2014.

ROGERS, Carl R. **Tornar-se pessoa.** 5. Ed São Paulo: Martins, 2001.

SOARES, Leôncio José G. **Educação de Jovens e Adultos.** Rio de Janeiro: DP & A, 2002.

SOUZA, Elizeu Clementino. **O conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores.** Rio de Janeiro: DP&A; Salvador, BA: UNEB, 2006.

SOUZA, Maria Antônia de. **Educação de Jovens e Adultos /** Maria Antônia de Souza – 2. ed. rev., atual. e ampl. – Curitiba: Ibplex, 2011. Thomson, 2002.